

CORPOETICIDADE: AS ABORDAGENS DE CORPO, POESIA E CIDADE EM UM RESULTADO CÊNICO

BRENDA CASTRO DOS SANTOS¹; LUCAS BEZERRA FURTADO²; NICOLE PIRES GONZALES³; DAYANNA MICHELLE CANON PEREZ⁴; CRISTIANO SILVA DA ROSA⁵; GISELLE MOLON CECCHINI⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – brendabecastro@hotmail.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – lucasbfurtado.lb@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – nicolegonzales930@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – dayis.canon.123@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – cristiano.vet@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – giselle.cecchini@outlook.com

1. INTRODUÇÃO

A presente escrita surge a partir do resultado cênico, intitulado *Corpoeticidade*, realizado na disciplina de Encenação Teatral II do curso de Teatro - Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Moira Stein e direção do acadêmico Lucas Bezerra Furtado. A apresentação aconteceu na sala preta do Centro de Artes, no dia 06 de maio de 2023, e atualmente encontra-se ainda em desenvolvimento pelo Núcleo de Teatro UFPEL, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Giselle Cecchini.

A dramaturgia foi construída com poemas do autor João Flávio Cordeiro Silva, mais conhecido como Miró da Muribeca, e para isto fez-se a leitura dos livros “Miró até agora” (2016) e “O céu é no 6º andar” (2018). O autor relata que a poesia, por anos foi feita voltada para a elite e em suas obras opta por trazer a realidade da sociedade a qual vivia para o papel. Porém, seu trabalho não se resumia à simples descrições de paisagens e situações. Ele dava vida aos seus escritos utilizando-se da performance poética como forma de se aproximar do público para vender os livros que ele mesmo construía. Assim conseguiu sobreviver por anos com sua arte.

Além do conteúdo, sua arte também reinventa os meios de se viver da poesia: usando o corpo (e a voz) como suportes de sua arte, em suas apresentações, e publicando impressos de baixo custo e alta inventividade como obras complementares para gerar renda. (ROSÁRIO, 2007, p.1)

Miró viajou para algumas cidades do Brasil, como São Paulo, Fortaleza e Recife (sua cidade natal), e essas três conferiram grande destaque às suas obras. As experiências vividas nesses locais davam frutos a novos trabalhos priorizando essa outra versão das cidades. O poeta as explorava e contava a partir de uma visão não romantizada, como era realidade na qual estava inserido. Com isso, Miró traz em seus trabalhos, a cidade na poesia, um dos pilares do conceito de “corpoeticidade” do autor André Telles do Rosário (2007). Além da cidade na poesia, o conceito propõe pensar também a poesia no corpo e o corpo na cidade. De acordo com ROSÁRIO, “corpoeticidade” é uma:

junção de termos-chave na expressão de Miró (e de alguns outros poetas performáticos urbanos de Pernambuco¹³⁹): Corpo, Poética e Cidade. Por causa da maneira de se expressar coloquial (fala e gesto) e da formatação gregária e acessível da rede de distribuição, conectada em grupos de interesse e eventos presenciais – e pela crítica irônica dos costumes

locais, pela palavra poeticamente subversiva, pelos relatos de aventuras, imagens e personagens dentro das cidades. (ROSÁRIO, 2007, p. 84)

Neste resumo, o objetivo principal será a apresentar as noções que cercam o termo “corpoeticidade”, e como encontram-se as características dele dentro do resultado cênico de mesmo nome já apresentado.

2. METODOLOGIA

A obra cênica apresentada por Agatha Nery, Brenda Castro, Cristiano Rosa, Dayanna Cañon, Érica de Oliveira, Estevão Santana, Nicole Gonzales, Maria Beatriz Borges Conceição e Maureen Nogueira foi criada em 9 semanas. Os ensaios aconteceram normalmente nas quartas-feiras, pelas manhãs, com 4 horas de duração, no Núcleo de Teatro UFPel. O trabalho foi dividido em 3 atos, e em cada dia de prática, um ou mais poemas para memorização e construção de cena eram desenvolvidos, até a finalização do ato.

Fez-se uma revisão da dissertação de André Rosário (2007), que direciona sua escrita à conceituação do termo “corpoeticidade”. Analisou-se também as poesias do autor Miró encontradas nos livros “Miró até agora” (2016) e “O céu é no 6º andar” (2018), que foram utilizadas como base na dramaturgia encenada, para isto baseamo-nos na transcrição do poema, ou seja, traduzimos este texto para a cena. “Ao falarmos sobre tradução, transcrição ou recriação de um texto podemos observar que o artista que decide fazê-lo tem licença poética para realizar sua criação e deixá-la fluir.” (PRESTES, 2012, p.17) Priorizamos em manter a intenção dos textos de Miró para a cena, mesmo que não pertencêssemos à mesma realidade que a dele quando escreveu.

Consultou-se também as filmagens do resultado cênico realizadas por Milene Velasques Ramos, estudante do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Pelotas, com a finalidade de encontrar momentos do trabalho nos quais é perceptível a aparição da cidade, corpo e poesia juntos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O resultado cênico apresentado na disciplina de Encenação Teatral II foi pensado para figurar a rotina de trabalho de algumas pessoas e, para conseguir tal finalidade, repetiu-se quatro vezes seguidas o mesmo fragmento com cerca de vinte minutos cada. Mesmo cansadas, estas personas ainda assim seguiam sem nenhuma mudança no seu dia a dia, dando importância sempre aos mesmos acontecimentos e negligenciando outros.

Notou-se durante os debates para a escrita deste resumo, que a aparição da “corpoeticidade” do trabalho surgiu anteriormente à apresentação de seu resultado. Logo na primeira leitura feita em grupo dividiu-se o texto e, cada um escolheu falar aquilo que mais se identificava, orientados pelo diretor, e empregando individualidade e subjetividade aos textos. Pode-se citar como exemplo, a adição dos nomes das cidades dos integrantes do grupo no segundo poema incorporado ao roteiro, mas também às declamações de trechos em espanhol, língua materna de uma das integrantes.

ÉRICA: seis horas
o Recife reza (...)

DAYIS: [COMPLEMENTO] a São Paulo reza

CRIS: Rio Grande reza
AGATHA: a Bahia reza
TODOS: Pelotas... (Trecho retirado do roteiro apresentado)

Aqui, o grupo faz como Miró e se apropria de suas vivências e das realidades que os cercam para criar a obra. Adequaram-se também as falas relativas à década de nascimento e à idade de dois integrantes, conforme sublinhado no trecho a seguir.

BIA: venho assim desde a década de 70
tentando carregar na sacola
sempre um pouco de arroz (...)
CRIS: aos 46 anos não conheço ainda um outro país
mas tenho uma nação de amigos (Trecho retirado do roteiro
apresentado)

Utilizou-se a música “Partido Alto”, de Chico Buarque, para interagir efetivamente com a plateia através de profissões escolhidas pelo próprio elenco. É possível identificar um varredor de ruas, um engraxate, um carteiro, um vendedor ambulante, uma estátua viva, uma pessoa a procura de emprego entregando currículos e uma estudante. Nesta passagem, renunciava-se ao cuidado com a extracotidianidade para mergulhar nos ofícios, interagindo com o público que correspondia às provocações feitas pelos *performers*.

Depois de outras cenas, a narrativa se encaminhava ao fim e os atores e atrizes voltavam às suas posições iniciais – dentro do andaime –, retornando também à repetição desde o começo do fragmento.

A sonoridade produzida no início, que consistia em cada um falar um fonema da palavra Pelotas, buscava recriar a confluência de sons produzida na cidade ao longo de um dia, através do corpo.

4. CONCLUSÕES

O resultado cênico apresentado mostra-se como uma união daquilo que Miró propunha em sua escrita com o conceito da “corpoeticidade”, apontando que corpo, cidade e poesia são também indissociáveis. Trouxeram-se exemplos para ilustrar como as individualidades contribuíram na construção de camadas necessárias na abordagem desta grande máquina capitalista, que de forma alguma para.

Por fim, conclui-se que este trabalho, mesmo que já tenha sido apresentado para público, ainda tem muitos desdobramentos. Escutar o retorno da plateia foi de extrema importância para os *performers*-compositores, uma vez que possibilitou a identificação de diversas provocações pensadas e outras ainda não consideradas. Em um determinado momento da peça é dito:

AGATHA: caro amigo que acordou agora
acredite
tão sim, metendo bala na polícia
toma teu café amargo de notícias
e de preferência não vá à janela
roubaram as árvores
que esverdeavam teus olhos
e plantaram meninas de catorze anos
vendendo seus corpos
[COMPLEMENTO] vocês se importam? (Trecho retirado do roteiro
apresentado)

Repete-se “você se importa?” por um tempo para a plateia. Um dos comentários recebidos, foi: “se pararmos para nos importar por cada coisa que acontece no mundo, a gente não vai conseguir viver mais” (Anônimo).

Cabe aqui a proposta de reflexão acerca deste comentário. O exercício da vida humana em uma sociedade tão imediatista e capitalista, coloca os seres, muitas vezes, crianças de catorze anos vendendo seus corpos, algo que pode ser escanteado por conta de problemas pessoais. O trabalho apresentado traz para a cena estas questões que indignam o diretor e o elenco, seja nos poemas ou no corpo dos atores e atrizes. André Telles do Rosário vai dizer que Miró,

Antes de ser brasileiro é um poeta e antes de ser poeta é uma pessoa simples com noção da complexidade do Mundo, vivendo sua vida global através da sua cidade e de seu bairro (em detrimento de seu país, conceito amplo e pouco útil no dia a dia da selva de pedra). E as pessoas se identificam com sua obra por causa de todos esses instrumentos e perspectivas que Miró junta, quando pare sua poesia. (ROSÁRIO, 2007, p.103 – 104)

A partir da visão do poeta Miró da Muribeca sobre sua realidade, das coisas mais simples até as mais complexas, os autores, performers e compositores puderam se identificar, e transmitir suas visões sobre o sistema no qual vivem, de forma artística e assertiva.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MIRÓ (Pseudo). SILVA, João Flávio Cordeiro. In: RAMOS, Senhor (Org.). **Miró até agora**. Recife: Cepe, 2016.

MIRÓ (Pseudo). SILVA, João Flávio Cordeiro. **O céu é no 6º andar**. Recife: Edições Claranan, 2018.

PRESTES, Taís Chaves. **Tatá dança Simões**: a memória como ferramenta de composição coreográfica na transcrição do conto “M’boitatá”. 2012. 51 f. Monografia (conclusão de curso). Curso de licenciatura em Dança. Centro de Artes. Universidade Federal de Pelotas.

ROSÁRIO, André Telles do. **CORPOETICIDADE**: Poeta Miró e sua literatura performática. 2007. 131f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.